

Pesquisa exclusiva: jornalismo no Brasil ainda é coisa de branco

IMPrensa

www.revistaimprensa.com.br

Ano 15 • Nº 165 • Outubro 2001 • R\$ 5,00



imprensa editorial ltda.



MEDO



O jornalista Sebastian Junger – autor do *best-seller* “The Perfect Storm” – é um veterano das coberturas de guerra. Em seu novo livro, “Fire”, onde estão reproduzidas

algumas de suas histórias em vários fronts, ele confessa no prefácio: “Sair de um avião para trabalhar num país estrangeiro é a sensação mais aterrorizante que conheço. Não porque alguma coisa ruim pode me acontecer, mas porque eu sempre estou convencido de que vou falhar. Você tem duas semanas para entender completamente uma cultura estranha, encontrar uma história que ninguém ainda ouviu e esgotar a pauta. Isso nunca parece nem remotamente possível”.

O danado acertou na mosca.

Nunca conheci um único repórter, minimamente decente, que não tivesse medo semelhante.

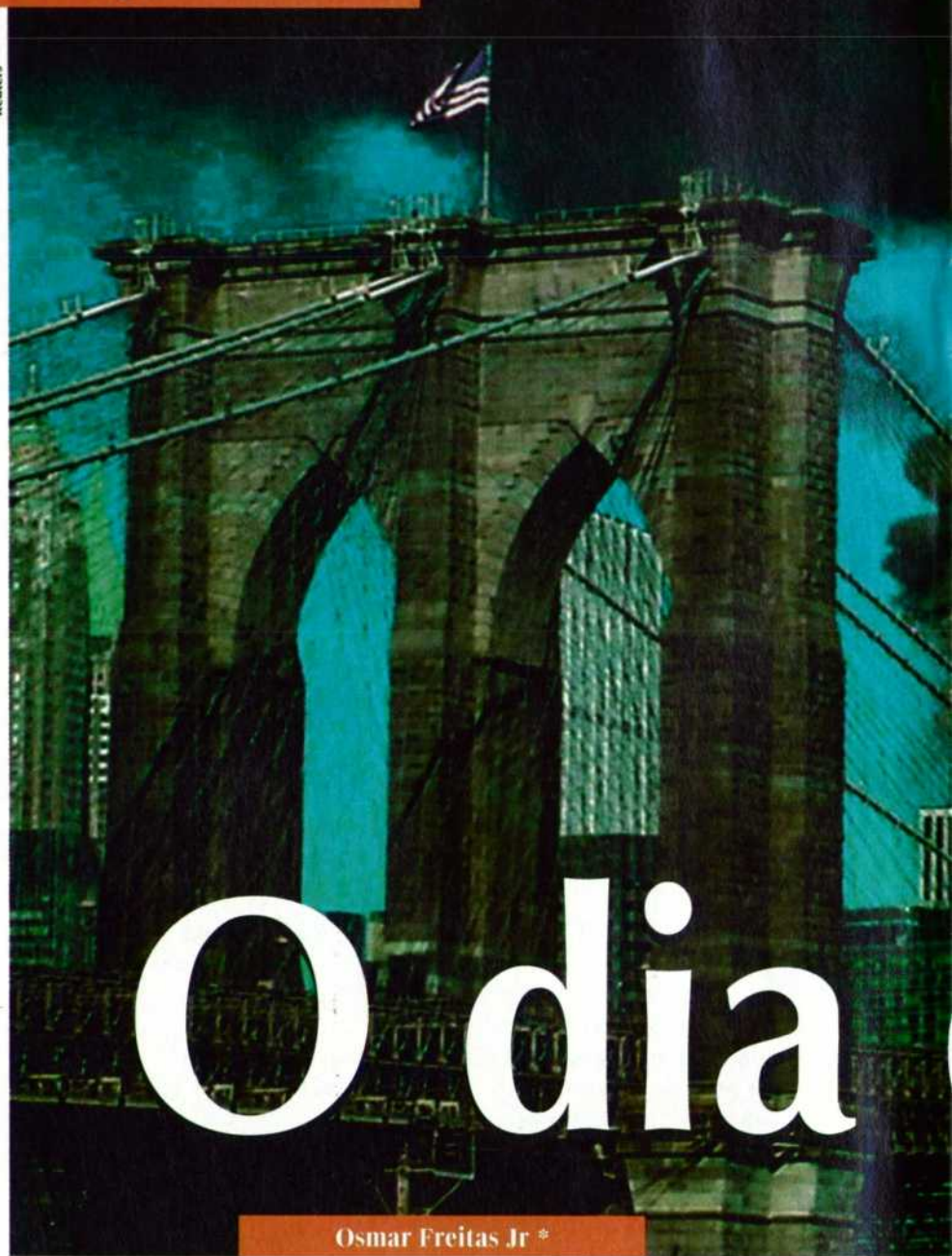
Conseguir chegar a um lugar onde as pessoas estão matando umas às outras, entender os motivos da violência, achar os responsáveis e os inocentes, colocar todos os ingredientes culturais neste angu, e ainda cumprir prazo de fechamento, é tarefa que sempre me pareceu o pior dos pesadelos. Até que fui obrigado a cobrir a guerra em minha cidade.

O mundo na boca do estômago

Dia 11 de setembro, 6h30min da manhã. O despertador avisa com insistência que Dale, minha mulher, terá mais uma hora para estar dentro da escola no South Bronx, onde ela dá aula. A rotina a obriga a levar a cachorrinha Rio para o banheiro das ruas e se engalfinhar com nossa filha Jillian para arrancá-la da cama.

Geralmente estas são batalhas das quais ouço apenas rugidos distantes: sou completamente surdo de um ouvido e tenho sono pesado. Só bato o ponto do dia por volta das 9 horas – durante o horário de verão daqui, quando somente uma hora separa os relógios de Nova York e São Paulo.

Reuters



Osmar Freitas Jr *

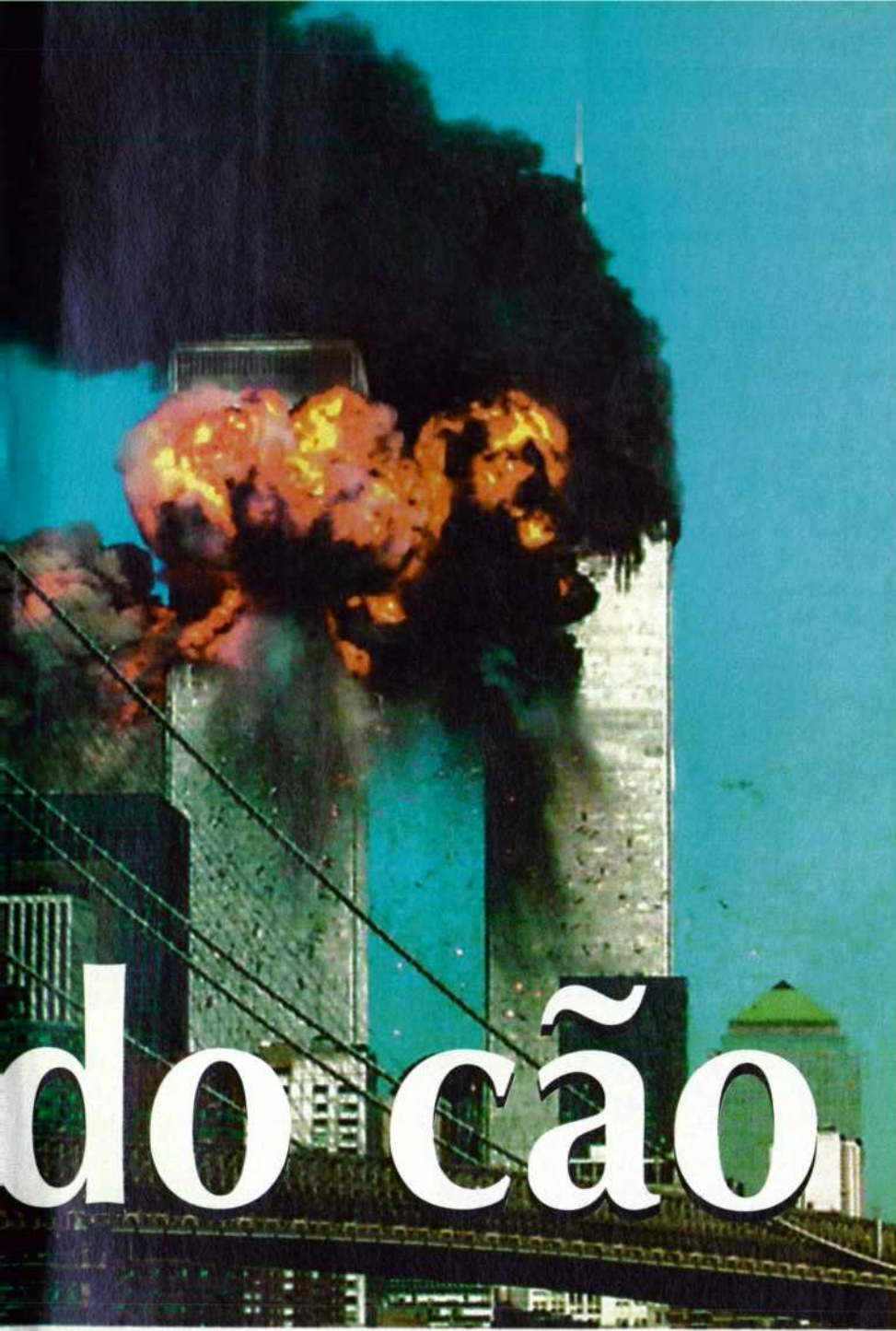
Mas, naquela terça-feira de sol e umidade amazônica, as manequins do show de moda das coleções do próximo ano estavam à minha espera. Uma pauta prometida há muito tempo à editoria de comportamento da revista *Isto É*.

Jillian ainda estava na cozinha quando saí do banho. Às 7h30min, ela pegaria o ônibus que a levaria a Computer School, na rua 77 de Manhattan. E, às 8h35min, seria minha vez de pegar a

Henry Hudson Parkway em direção a Midtown, duvidando que houvesse alguma modelo acordada àquela hora.

A emissora 1010 AM tem um *slogan* que promete: “Nos dê dez minutos e nós lhe daremos o mundo”. Em vários momentos do dia, eu pago minha cota de minutos e recebo um resumo do que se passa pelo planeta.

Mas, às 8h50min daquela terça-feira, a 1010 não me deu o mundo: arremes-



do cão

sou-o contra a boca de meu estômago. Um avião havia se chocado contra uma das torres do World Trade Center às 8h45min.

O tráfego corria solto na West Side Highway. Na altura da rua 96 ainda não era possível detectar qualquer sinal da tragédia. A fumaça apareceria distintamente depois da rua 72.

No Chelsea, por volta da rua 20, as sirenes dos carros de bombeiros, polícia

e ambulâncias estavam em toda parte. Eram apenas 9 horas. O trânsito mostrava que iria parar. O melhor era largar o carro num estacionamento e seguir de metrô até Lower Manhattan.

"Follow the money"

Às 9h03min, o Boeing 757, do voo 175 da United Airlines, saído de Boston com os tanques cheios para atravessar o país até Los Angeles, arremeteu contra a

torre 2 (sul) do WTC.

Eu estava entrando no estacionamento da rua 18 Oeste quando a 1010 AM deu a notícia.

A partir daquele momento, ninguém mais acreditava em acidente. Nova York estava sob ataque.

Os telefones celulares ainda funcionavam em Nova Jérsei. Liguei para lá.

Mantenho, há cerca de quatro anos, uma fonte que tem informações e muito conhecimento sobre a "Al Qaeda" – a organização de Osama Bin Laden.

Este informante fazia parte da mesquita Abu Bakr, que fica na cidade de Jérsei, no Estado de Nova Jérsei.

O templo era um pouco mais do que uma sala na sobreloja de um prediozinho comercial numa área dominada pela comunidade muçulmana. Ali funcionava um centro de veteranos da guerra do Afeganistão.

Era onde o xeique cego Omar Abdel Rahman pregava antes de ser preso.

Esta figura carismática havia entrado nos Estados Unidos com a ajuda da CIA, embora as autoridades egípcias o colocassem como suspeito de ser um dos mentores do grupo radical Jihad Islâmica, que em 1981 assassinou o presidente do Egito Anwar Sadat, entre outros atos violentos.

A mesquita de Jérsei também era um dos pontos cardeais deste grupo terrorista em território americano.

E o Jihad Islâmica é um dos maiores grupos que integram a rede terrorista "Al Qaeda".

Em 1998, o xeique e outras oito pessoas foram acusados de bombardear, pela primeira vez, as duas torres do World Trade Center.

O que eles pretendiam era atacar uma série de pontos críticos de Nova York, como pontes e túneis. Omar Rahman foi sentenciado à prisão perpétua e hoje está na penitenciária hospital federal de Rochester, no Estado de Minesota.

Osama Bin Laden, sabe-se, ficou enfurecido com o encarceramento do xeique Omar e jurou vingança.

Com seu conhecimento sobre o Jihad Islâmica, minha fonte tem sido a pessoa

mais indicada para falar sobre os movimentos radicais muçulmanos. Na conversa rápida que tivemos, ele foi além de minhas desconfiças: garantiu que este ataque devastador havia sido executado por terroristas ligados à rede "Al Qaeda".

E mais: que a logística e parte do financiamento desta operação foram feitos pelo governo do Iraque. Deu também dicas sobre como comprovar esta sociedade do terror: "Muita gente vai ganhar bastante dinheiro com este atentado".

Ou seja, como teria dito o informante "Deep Troat" ao jornalista Bob Woodward durante as investigações do caso "Watergate": "Follow the money" (siga o dinheiro).

O metrô já havia parado e os ônibus despejavam pessoas nas ruas. O jeito era correr até o centro financeiro, numa maratona que, em minha condição física, levaria pelo menos uma hora, e ainda poderia culminar num ataque cardíaco.

A primeira vez em que as vi, as torres estavam envolvidas em fumaça, mas não pareciam ter se abalado muito. Foi só quando parei em frente a um aparelho de TV, num bar, é que a tragédia começou a tomar suas reais dimensões em minha mente.

Às 9h40min, o Boeing 767, no voo 77 da American Airlines, é usado como míssil no setor oeste do Pentágono. Mais tarde, outro avião, o voo 93 da United Airlines, cairia em Shanksville, perto de Pittsburg.

Implorei carona para um rapaz com uma bicicleta. Ele concordou em me deixar no Washington Square Park, em Greenwich Village. Fui empoleirado no cano que sai do guidão.

Estávamos sujos de terror

Às 9h50min, a torre 1 (sul), que havia sido atingida por último, desmoronou. Foi quando os bombeiros, policiais, paramédicos, equipes de salvamento e civis foram soterrados.

Muita gente da primeira torre que fora atingida já estava em segurança na West Side Highway, em frente ao vizinho Battery Park.

Eu saberia dois dias depois que Danny Suhr, meu vizinho e pai de uma amiguinha de minha filha, estava entre as vítimas. Danny era técnico do time de beisebol mirim de Riverdale – área onde moro – e sustentava a mulher e cinco filhos com o salário de tenente-bombeiro.

Eu corria pelo Soho, descendo a West Broadway, quando o prédio veio abaixo. Confesso que não vi a cena – foi só depois, frente à TV, que eu acompanhei o desabamento.



Também não ouvi o barulho que, mais tarde, invadiria meu único ouvido bom. Assim foi: a torre estava lá e, de repente, não estava mais.

Cheguei à esquina da rua Murray com a West Broadway – a poucas quadras do epicentro do drama –, e a nuvem de poeira e fumaça invadia e cobria tudo: os carros, os postes, prédios, pessoas. Narinas, boca, olhos, ouvidos, todas as partes do corpo eram engolfados por aquela névoa sufocante.

Estávamos todos acinzentados, sujos de terror.

Não dava nem para ver as horas no relógio de pulso. Mas seria tempo perdido procurar um telefone público que funcionasse, para ligar para a Redação e dizer que eu já estava na pauta.

Em São Paulo deveriam ser mais de 11 horas. Com certeza, o diretor Hélio Campos Mello e o editor de internacional, Cláudio Camargo, já estariam na Redação, cansados de telefonar para mim.

Os telefones celulares, àquela altura, eram peças inúteis, assim como os computadores de mão.

Uma coisa que aprendi quando era repórter da Rádio Eldorado, nesta cidade, é que os telefones de rua não prestam para os jornalistas. Ou estão ocupados por traficantes de drogas, ou por gente sem crédito para ter um celular.

A melhor opção é ir ao subsolo de um grande prédio ou hotel, e procurar a bateria de aparelhos que normalmente está dando sopa nestes locais. Alguns edifícios até mantêm bancada com assentos nas cabines, formando mini-escritórios bastante tranquilos.

No prédio de escritórios da Murray com a West Broadway havia uma série de telefones – sem assentos – no andar inferior.

Ratazanas atarantadas

Às 10h30min, a torre norte começa a desmoronar. O relato que fiz para a edição extra da revista *IstoÉ* ainda me parece o mais perfeito para descrever o que ocorreu comigo, pois foi feito com toda a adrenalina correndo em meu metabolismo:

"Eram 10h30min quando o edifício da esquina da Murray e West Broadway começou a tremer. No subsolo parecia que um terremoto, em escala jamais sentida em Nova York, estava em furioso progresso. Mas as mães, chefes de família e repórteres – sujos de poeira – sabiam perfeitamente que aquilo não era uma catástrofe da natureza. (N.R.: Naquele momento eu fa-

lava com Cláudio Camargo, e ainda tive tempo de dizer que o prédio estava caindo). “Outra bomba!”, alguém gritou. Pandemônio: a pequena multidão saiu correndo escada acima para ganhar a rua. Um erro do qual se arrependeriam. A West Broadway – uma das artérias da zona nova-iorquina de Tribeca – estava sendo engolfada pelo que parecia um maremoto irreal. Uma gigantesca onda cinza avançava em alta velocidade por toda a vizinhança. Não era composta de água, mas de entulhos, cacos de vidro, estilhaços de madeira, projéteis de ferro, papéis e – imagina-se – pedaços de carne humana. Ratazanas enormes, como figuras de desenho animado, fugiam enlouquecidas. O vento quente foi o primeiro a atingir aqueles que não conseguiram correr no fluxo do caos: rumo norte. Uns caíram, outros se jogaram atrás de carros. Depois veio a muralha sólida de escombros de um prédio que, momentos antes, tinha 110 andares. É difícil saber quantos se feriram, ou morreram, naquele instante. A escuridão que encobriu o sul da cidade era tão intensa que tornava impossível enxergar as próprias mãos. O ar desapareceu, foi substituído por uma atmosfera sufocante. Tão sólida que poderia ser varrida do espaço, como se faz a um chão imundo. Durante o resto daquele 11 de setembro – terça-feira negra – não se conseguiu mais um respiro de alívio. Quando a poeira baixou, muito tempo depois, o skyline de Manhattan havia sido modificado de modo definitivo”.

Eu estava naquele meio de multidão, poeira, fumaça e entulhos. Ali no meio do Financial District.

Não em algum fim de mundo, onde as pessoas não têm mais nada a perder, portanto, roubam vidas.

Nenhum daqueles outros tantos lugares para onde fui reportar histórias, sempre com a esperança de que, um dia, em breve, sairia dali rumo à minha casa.

Aquele horror todo – que deveria ser familiar, mas era totalmente inédito para mim – estava acontecendo em minha casa.

A confusão era tamanha que pedia por uma parada total. Ir para um lugar menos caótico, procurar tirar um pouco daquela

maldita cobertura cinza, tomar uma garrafa d’água, sentar um pouco e, depois, achar um telefone. Ah! E um caderno de anotações: o que eu trouxera ficou para trás.

Minha filha! Ela está em Manhattan!

Às 11 horas, depois do primeiro gole de água, numa lanchonete na Broadway, foi que a lembrança desabou sobre mim com mais força do que os destroços do WTC: “Minha filha! Ela está em Manhattan! Estes loucos são capazes de continuar a chacina nas escolas... E se os aviões tinham alguma arma química ou biológica? Esta nuvem de fumaça pode estar contaminada. Minha filha precisa sair de Manhattan”.

O desespero me levou ao pânico. Corria para outro prédio com telefones públicos e liguei para a escola da Jillian. Claro que estava ocupado. Liguei para minha mulher no Bronx. Ela atendeu e deu a boa notícia: a mãe de uma amiga havia tirado nossa filha daquela confusão em que se transformara Manhattan. Estavam a caminho de Riverdale. Ótimo, agora era só sair à luta para confirmar as informações que eu havia recebido no começo daquele dia de caos.

O melhor modo de fazer isso, com os telefones funcionando em estado precário, seria voltar ao centro dos acontecimentos. A polícia já havia cercado a área, mas na confusão ainda era possível burlar esta vigilância: bastava se juntar a uma equipe de televisão.

Com a credencial de imprensa fornecida pela polícia aos repórteres que trabalham na cidade, ninguém iria desconfiar que eu não estava com o grupo de televisão.

Fui com a equipe do noticiário local da rede ABC de televisão até o chamado Marco Zero.

O inverno nuclear era ali

Se um dia o mundo tiver de enfrentar o “inverno nuclear” – a condição de pós-guerra atômica –, o que se verá deve ser muito parecido com a área de 16 acres onde ocorreu a maior destruição.

Tudo estava coberto pelo cobertor cinza de poeira. O sol desaparecera. Detritos

se amontoavam em toda parte. Objetos pessoais eram encontrados nos lugares mais insólitos: um par de botas abandonado alinhado em perfeita ordem; uma pasta de documentos intacta; uma máquina de calcular enorme e com as entranhas à mostra como um caranguejo estripado.

Sapatos, centenas deles, jogados nos pontos mais insuspeitados.

Bombeiros, exaustos, caíam literalmente pelos cantos. Os corpos das vítimas já estavam sendo recolhidos. Não vi nenhuma parte humana: a poeira fez com que tudo se confundisse com detritos. O ar era irrespirável e os olhos ardiam.

Na correria, não fui capaz de arranjar uma única máscara e tive de tapar o nariz com a camisa, mas não funcionou: nada conseguia barrar a poeira e a fumaça.

O odor era aquele que eu havia sentido em outras ocasiões: cheiro de guerra. Uma mistura de combustível, madeira, cimento e carne, tudo incinerado. Nunca imaginei que um dia fosse obrigado a suportar este cheiro na minha cidade.

Um centro de triagem fora montado no Battery Park – a oeste do marco zero. As vítimas eram levadas para o local, de onde saíam de ambulância.

As autoridades também colocaram ali um comando que lidava diretamente com o front. Procurei agentes do FBI para tentar confirmar as suspeitas sobre Bin Laden, mas era impossível conseguir engajar qualquer agente em conversas, quanto mais arrancar informações de qualquer um deles.

Uma loira alta, com jaqueta azul-marinho que tinha às costas as letras amarelas “FBI”, berrava com um gramofone: “As pessoas que moram no Brooklyn, por favor, sigam-me”. Demorou, mas a loira conseguiu juntar umas trinta almas em estado deplorável, mas sem ferimentos.

Este bando de peregrinos, cobertos de poeira, saiu em passos lentos rumo à ponte do Brooklyn. Pareciam mais uma brigada de manequins de gesso, caminhando como robôs. Eu os acompanhei e ouvi suas histórias. Queria também ver o panorama de cima da ponte.

O skyline de Manhattan era desolador.



O estadista Rudy Giuliani

Pouco depois das 14 horas, a maioria dos trens de metrô voltou a rodar. No comando de emergência montado pela prefeitura, Rudy Giuliani já dava entrevista coletiva.

Naqueles momentos de tragédia o prefeito se revelou um estadista: estava por toda a parte e, durante 20 minutos depois do impacto do primeiro avião, ficou preso nos escombros do prédio.

Nos bastidores da coletiva, eu recebi as primeiras confirmações sobre a autoria dos atentados. Tudo em *off*, como é padrão nestes casos. Eu somente teria certeza da identidade dos culpados nos dias seguintes. Era preciso trabalhar mais os telefones para juntar evidências, mas naquele momento o mais importante era voltar para o Lower Manhattan e acompanhar o drama dos salvamentos.

Além disso, no aglomerado de repórteres em torno do prefeito, os boatos encontravam solo fértil e acabavam atrapalhando o trabalho. Tive tempo de ligar para a Redação. Hélio me disse que estaríamos saindo com uma edição extra já no dia seguinte e que meu prazo de fecha-

mento era até as 23 horas (de São Paulo).

Fui caminhando para o lado oeste da ilha e desci a West Broadway.

O choque agora começava a dar lugar ao ódio. "Nuke them!", diziam. Queriam despejar bombas atômicas na cabeça de alguém. Mas quem? Onde?

Às 16 horas, um tenente da polícia me confirmava que já havia cerca de 1.200 pessoas nos hospitais, e que pelo menos 200 estavam mortas.

Ele estimava que esse número poderia subir a 20 mil, tendo em vista que cerca de 50 mil pessoas trabalhavam no WTC. Esses cálculos diminuiriam para 6.300 no dia 21 de setembro.

Uma ligação ao Consulado do Brasil mostrou que ali ainda havia poucas informações sobre vítimas brasileiras, mas o embaixador (em Nova York, o cônsul tem posto de embaixador) já recebera centenas de telefonemas de gente procurando parentes que deveriam estar nos prédios durante o atentado.

Duas semanas depois, o consulado ainda procurava cinco pessoas.

Atrás de mim, Manhattan ardia

Estava na hora de arranjar um jeito de

voltar para casa, trabalhar nos telefones e começar a escrever os 30 mil toques.

Usar meu carro seria impossível: ruas fechadas e o pior engarrafamento da história da cidade.

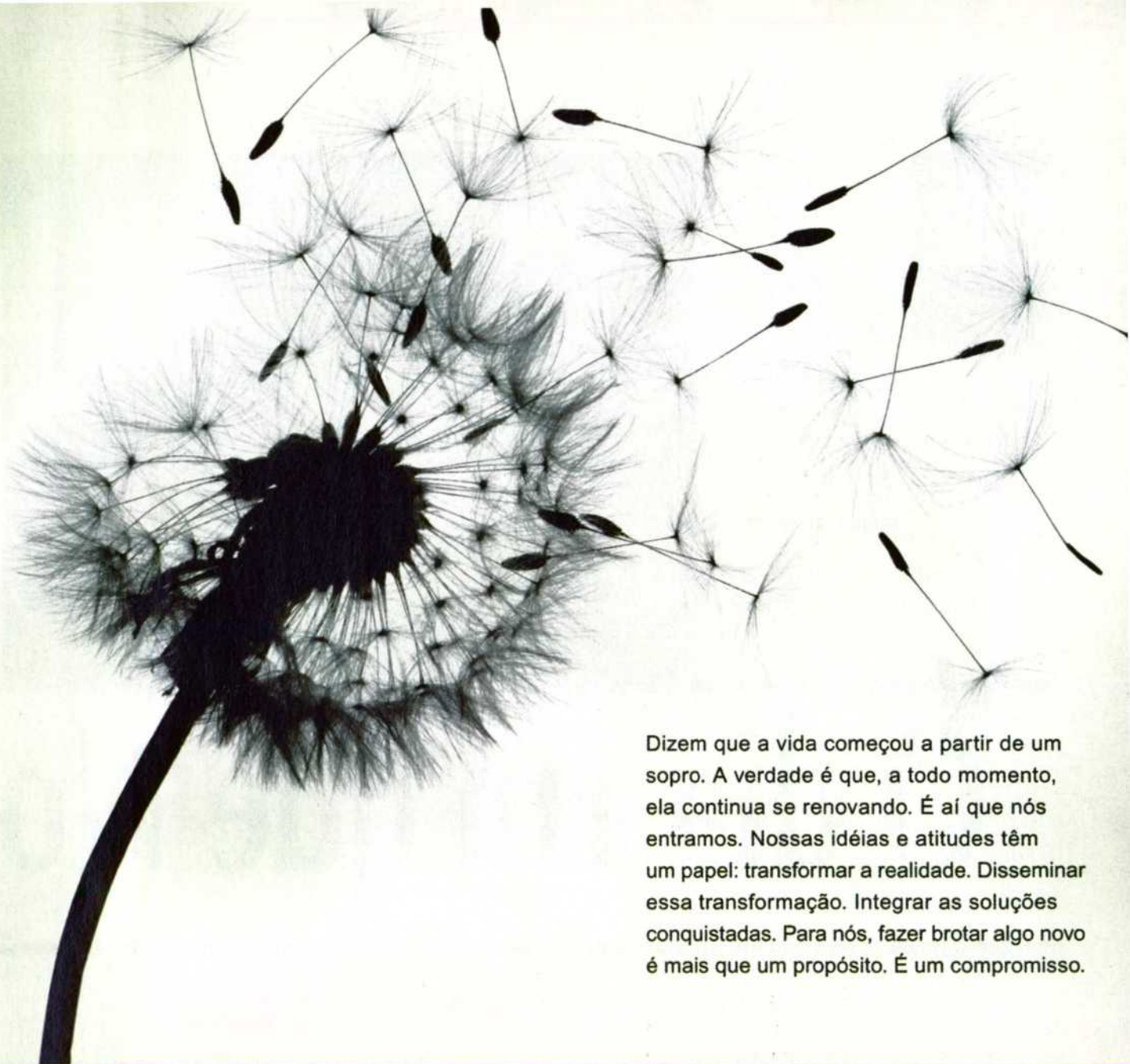
Às 17h30min, o prédio de número 7 do WTC, que estava em chamas desde a manhã, não resistiu e desmoronou. O edifício de número 1 também teria o mesmo destino, assim como parte do condenado WTC número 6.

Um colega da AP me chamou e disse que estava indo para o aeroporto de Westchester para ver como estava a situação por lá. Os aeroportos e todo o espaço do país estavam fechados: temiam-se novos ataques.

Riverdale fica no caminho de Westchester: era a carona que me levaria para casa.

Nós saímos atrás de um carro de polícia que seguiria na mesma direção e poderia facilitar a nossa passagem. Saímos às 18 horas. Atrás de mim, a Lower Manhattan ardia.

* **Osmar Freitas Jr.** é correspondente da *IstoÉ* em Nova York

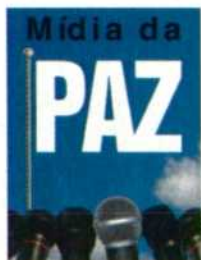


Dizem que a vida começou a partir de um sopro. A verdade é que, a todo momento, ela continua se renovando. É aí que nós entramos. Nossas idéias e atitudes têm um papel: transformar a realidade. Disseminar essa transformação. Integrar as soluções conquistadas. Para nós, fazer brotar algo novo é mais que um propósito. É um compromisso.



TUDO SE TRANSFORMA





No dia em que Nova Iorque perdeu a cor, saímos todos às ruas e vimos fotografos.

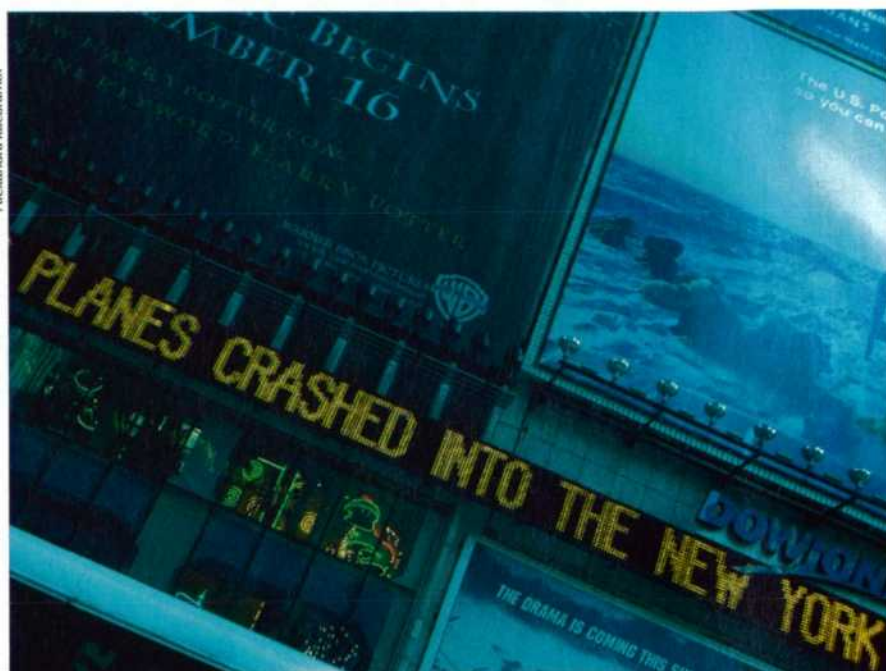
No dia em que Nova York perdeu a cor, os telefones estavam sem li-

nha, não havia conexão na Internet e os meios de transporte não funcionavam.

No dia em que Nova York perdeu a cor, ficamos incomunicáveis em uma ilha.

A nuvem de fumaça era o maior sinal da cidade. O nosso chamado de socorro.

Alexandra Iacarambi



O dia em que Nov

Na Broadway, os luminosos ainda davam as boas vindas a quem chegava à Times Square. Mas, no alto, nas paredes, junto ao Schwarzenegger, no chão dos edifícios, as notícias circulavam e eram as mesmas. Perdíamos assim nossas palavras que escapavam ao nosso controle.

Olhávamos para o alto e era sangue o que nos pediam.

Depois conseguimos nos conectar ao celular e repetíamos juntos os mesmos gestos.

E, quanto mais sabíamos, mais perplexos ficávamos.

Insistíamos na busca de mais informação, porque era quase impossí-

Neide Duarte *

Reproduções





Salvação é a palavra para eles.
 Perda é a palavra para os bombeiros que vêm da nuvem de fumaça.
 Nesta Nova York de gente bem vestida, os sapatos são o sinal de quem pisou nas cinzas, passou pelas cinzas, conseguiu sair das cinzas.
 Carros estranhos circulam pela avenida Houston entre o Village e o Soho. Cento e cinquenta caminhões se alinham para ir trabalhar nos escombros. Manobras de guerra. Emergências por toda parte.
 Os voluntários se alistam.
 Os voluntários correm para pegar suas máscaras.
 Os voluntários rezam.
 Um homem passa sozinho na

a York perdeu a cor



vel acreditar no que acontecia.
 A cidade foi cercada. Andávamos por etapas. Barreiras nos separavam.
 A Quinta Avenida entre a 33 e a 34 estava fechada. Todo o quarteirão cercado, onde fica o Empire State.
 Ruas vazias para proteger um império atacado.
 Conseguimos entrar num ônibus e hoje ninguém paga.
 Avançamos muito pouco. Da rua 14 ninguém passa.
 Da região proibida saem ônibus levando idosos, que usam máscaras de proteção.
 Eles trazem no olhar o medo e o alívio dos sobreviventes.

América.
 Um homem já entregou sua força.
 Uma mulher chora porque não reconhece a paisagem.
 Os homens passam com seu trabalho de ferro, duras correntes.
 E nós, não podemos esquecer, não podemos esquecer.
 O nosso olhar nunca mais verá a mesma paisagem de Nova York.

Nova York,
 11 de setembro de 2001



O imp



O que antes anunciava prazer e diversão mostra hoje uma outra face.

A Broadway agora nos assusta. Ato de guerra passam por cima

das nossas cabeças.

As vitrines da loja Saks estão vazias: um pano preto no fundo e nos vidros, escrito em letras brancas: *With sadness* (com tristeza). Na cidade do consumo e do comércio, as vitrines não têm mais nada a oferecer a não ser tristeza.

Numa poça d'água, o Empire State

gêmeas. Desenhou a falta que tanta gente faz: Jeniffer, Tom, David, Frank, Steve, Susan, Louise, William...

Marggie trouxe rosas brancas e um bilhete: "Brian, nós amamos você. Sentimos muito a sua falta. Sua tia Marggie".

A senhora chinesa percebe que é preciso se manifestar e indica ao marido um lugar no painel. Ele escreve em chinês: "O mundo precisa de paz".

O vento mudou a direção da fumaça e a ilha inteira tem o cheiro do que o fogo queimou. A televisão dizia que era preciso usar máscaras para evitar qualquer perigo de contaminação. Passam crianças indo para

aplaudem e ela responde: "Deus abençoe a América".

Numa praça chamada União, os americanos foram chegando, vieram dizer que guerra não é uma resposta.

Trouxeram pombas no papel da paz. Trouxeram flores no papel da saudade. É uma multidão imensa de jovens, todos querendo paz.

Uma moça lê um discurso: "Vocês usaram corpos americanos indefesos para tirar a vida de outros americanos. Vocês atingiram o World Trade Center, mas não atingiram a América. Nós não vivemos na América, é a América que vive dentro de nós. A América é uma idéia".

Ela termina dizendo: "Aguardem

ério se transforma

reflete a imagem da sua arquitetura. E para atravessar a rua pisamos nela.

A cada passo, assistimos à transformação de um império.

Nova York não é mais uma ilha de avenidas retas, onde é fácil caminhar. Nova York agora é uma cidade de labirintos, lugares proibidos, lugares de muita dor.

As pessoas passam pelas praças e deixam recados em papéis imensos, que vão se estendendo pelo chão, pelas paredes. Quantas palavras teremos que escrever para mostrar essa dor do tamanho da América?

"Você ainda está conosco de pé." Numa foto de Manhattan, depois da tragédia, um rapaz desenhou as torres

a escola, donas de casa com suas compras de supermercado, famílias inteiras, dois rapazes, duas moças, todos agora irreconhecíveis com suas máscaras.

E Nova York foi ficando assim... com esse jeito de quem está no limite, de quem se prepara para atravessar fronteiras.

O ar não está bom para se respirar. O lixo se acumula nas esquinas. Os carros não são mais carros. As casas já não são boas para se morar. Carros militares ocupam as ruas do sul da ilha.

Uma mulher, antes de abandonar seu apartamento, pendura uma bandeira do lado de fora. Os jornalistas

por nós".

Ninguém aplaude.

Caças americanos cruzam o céu. Budistas tibetanos cantam um mantra.

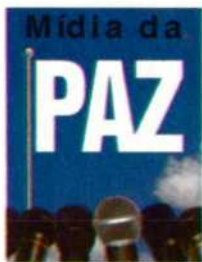
Homens e mulheres acendem velas, colocam flores no chão.

Anoitece.

Na praça da União, no meio da multidão, um menino com um livro na mão tenta ler o que está escrito. Começa a entender o que são as palavras.

Numa esquina, um abraço nos devolve a nossa humanidade.

14 de setembro de 2001,
Nova York,
Dia da vigília pela paz



10 de setembro de 2001. Era verão ainda. As pessoas passavam com a desleixação natural de quem vive no frio, pelo menos nove meses por ano e está acostumado a outro tipo de roupa.

Nova York ainda era uma ilha no meio dos Estados Unidos e no meio do mundo.

Aqui as melhores bananas, das melhores terras. O melhor café, do melhor grão. As mais vermelhas maçãs dos mais belos campos da França. As melhores azeitonas da Euro-

Toda a beleza do mundo reunida numa pequena ilha.

Em Manhattan vivia a um só tempo: a melhor Europa, a melhor Ásia, a melhor África, a melhor América.

Era verão ainda.

Décimo-quinto andar do edifício. Hotel São Carlos. 3ª Avenida com a rua 50. Não liguei a televisão. Não gosto de ver notícias pela TV logo cedo. Prefiro ler o jornal.

Assim, desci inocente. Dez e meia da manhã. Terça-feira, 11 de setembro. Uma multidão caminhava pela 3ª Avenida. Direção: norte. Trânsito completamente parado. Buzinas, sirenes. É tanta gente na calçada e tantos carros na rua que não dá para

ver a calçada ali do outro lado da avenida.

Nova York nunca foi assim.

A livraria Barnes and Nobles está fechada; a Banana Republic, também.

Nova York nunca foi assim.

No Museu de Arte Moderna não tem ninguém. O Metropolitan está vazio.

Nova York nunca foi assim.

Dois aviões ainda sobrevoam a ilha, alguém falou. E aquilo que não era notícia, mas fato comum, tinha o tom de ameaça.

Quando entendi o que estava acontecendo, como todo mundo que não havia visto as imagens, duvidei. E aos poucos fui me dando conta do

Nova York era assim

pa. O melhor azeite das melhores oliveiras do mundo.

Os tecidos mais belos, os melhores fios, os melhores botões, os mais ricos tapetes e as melhores especiarias. Tudo que Marco Pólo, um dia, percebeu que existia.

Os melhores museus, toda a arte reunida.

Um templo do Egito, inteiro reconstruído.

Uma baleia azul, alguns dinossauros.

A arte e os seus artistas aqui respiram, aqui se inspiram.

Em Nova York, existia a liberdade de cada um poder ser o mais parecido com aquilo que é.

Alexandra Itacarambi



tamanho da tragédia.

Era verão ainda. O céu estava bonito e azul.

As pessoas estavam todas voltando para casa ao mesmo tempo. Iam a pé, atravessariam a ponte do Queens, a ponte do Brooklyn e, o que era motivo de orgulho da melhor engenharia,

na altura do 79º andar. Morreram 14 pessoas e o andar foi reconstruído.

Mas aquilo havia sido apenas um acidente.

Era verão ainda em Nova York.

Nós começamos a descer pela Quinta Avenida para chegar o mais perto possível do World Trade Center.

feridos. O que havia eram muitos voluntários, solidariedade, pessoas que queriam paz.

Nova York então foi ficando parecida com um filme de cinema.

Os restaurantes do Soho estavam fechados, só alguns bares abertos, mas logo avisavam: não temos comida, só bebida.

O bar estava escuro e a televisão ligada.

Pedi um café que nunca chegou. As meninas fumavam.

Uma certa neblina no ambiente me lembrou um filme qualquer da Segunda Guerra.

Um jeito de tudo, falsamente, parecer normal.

E, durante todo o dia e nos dias que vieram depois, esperamos por alguma palavra. Alguma palavra que trouxesse um pouco de humanidade à ação. A palavra que não veio nunca.

“Não é mais hora de palavras e sim de ação”, disse George Bush.

Sempre será a hora das palavras, alguém me disse e eu repito o que aprendi: somente as palavras podem humanizar nossos gestos. Só nas palavras pode estar a salvação.

Quando consegui sair de Nova York e chegar em casa, não senti alegria, nem alívio.

Ninguém está a salvo.

Quando desfiz as minhas malas, Bob Dylan ainda cantava no meu filme, “blowin’ in the wind”...

“Quantas estradas um homem tem de percorrer até poder ser chamado de homem...”

...a resposta, meu amigo, está voando com o vento...”

São Paulo,
21 de setembro de 2001

* **Neide Duarte** é jornalista da TV Cultura e vencedora do Prêmio Mídia da Paz



Alexandra Itacarambi

agora apareceria no retrato como rota de fuga dos sobreviventes.

As torres do World Trade Center não existiam mais. A polícia de Nova York cercou o quarteirão para proteger o outro símbolo do seu império: o Empire State.

Protegendo o edifício, o que ainda era a América, parecia estar a salvo.

Só que o Empire State é símbolo de outro tempo: da recessão dos anos 30, quando Bessie Smith cantava “nobody knows you when you’re down and out”.

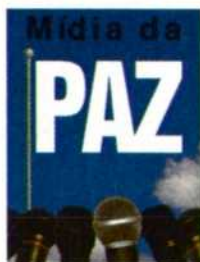
E o Empire State já tinha vivido, ao seu modo, uma situação parecida: durante a Segunda Guerra, um avião de combate entrou no prédio,

Não havia outra coisa a fazer para os que ficaram na ilha.

Trabalhamos o dia inteiro. Fomos até o escritório do Lucas Mendes e da Lúcia Guimarães. Eles me emprestaram uma câmera de vídeo e eu saí filmando a cidade, para fazer uma matéria para a TV Cultura.

Eu, Analu (Ana Costa Santos, a coordenadora de produção do Caminhos e Parcerias) e a Alexandra (Alexandra Itacarambi, da revista *IMPRENSA*) formamos uma equipe improvisada e fomos descendo para o sul da ilha.

Fomos a pé. Passamos por inúmeras barreiras. Chegamos até o posto avançado das ambulâncias que esperavam pelos feridos. Não, não havia



"Holly Shit". Estava na boca dos americanos. Segunda-feira de setembro, dia da abertura da Assembleia Anual das Nações Unidas. Dia em que as

Twin Towers foram nocauteadas. E, para os jornalistas que vieram a Nova York cobrir PAZ, sobrou guerra.

Presenciamos a imprensa americana se debatendo para explicar a seus cidadãos as três perguntas básicas do jornalismo: Quem, como e por quê. Por alguns instantes, desses que se parecem com horas e dias, fica-

jornalistas faziam a cobertura do pós-evento freqüentemente ouvíamos gritos com ameaças de prisão.

Fizemos parte de um grande telefone sem fio, onde as histórias rolavam de boca em boca. Cada um tinha sua própria história e mais a história do colega, da mãe, de um conhecido para contar. E aquilo que viu na TV, é claro! E todo mundo desandou a contar, mesmo sem você perguntar, era inevitável.

George W. Bush, na sua segunda visita a NY depois de assumir a presidência, fazia promessas pelo megafone aos nova-iorquinos esclarecidos. Foi na sexta-feira, dia em que a nação se uniu para rezar, velar e cantar

Holly Shit

Alexandra Itacarambi *

mos mudos. Do Brasil, também queriam explicações. Recebíamos dezenas de telefonemas com perguntas: "Quando vocês voltam?"

As autoridades pediam para a imprensa não noticiar nenhuma informação que não tivesse sido verificada pelos agentes do FBI. Enlatadas e prontas para entrega. Ameaçavam a população com prisão para aqueles que passassem alarmes falsos. Mais de cem denúncias de bombas foram recebidas no "day after". No Frozen Zone, ou na cena do crime, onde os

o hino americano. A assembleia da nação unida.

Dois amigos americanos fizeram questão que eu soubesse que eles não elegeram o presidente Bush, ele foi "selecionado". Porém, o patriotismo cresceu e com ele Bush também cresceu. Holly Shit!

* Alexandra Itacarambi

Diretora de Eventos da Revista *Imprensa*



Fotos: Alexandra Itacarambi





- 02 e 03 NOVEMBRO
- 16 e 17 NOVEMBRO
CARGA HORÁRIA: 16 HORAS

Docente:
OLGA CURADO

OFICINA PILOTO DE TELEJORNALISMO

VAGAS LIMITADAS - 25 ALUNOS POR TURMA
LOCAL: FACULDADE CASPER LÍBERO
AV. PAULISTA, 900 - 5o. ANDAR

revista
IMPrensa

A revista de quem escreve a notícia.
www.revistaimprensa.com.br



Informações:

Revista Imprensa - Tel (11) 3224-0288

e-mail: mkt@revistaimprensa.com.br



Os “melhores” momentos da cobertura



- No Brasil, a saída, na manhã de quinta-feira, dia 13, das edições extras de *Época* e *IstoÉ*.
- Nos EUA, a edição especial da revista *Time*, no sábado, dia 15.
- O artigo “Bush caminha para uma armadilha”, assinado por Robert Fisk, do jornal *The Independent*, publicado no Brasil, com a tradução acima, pela *Folha de S.Paulo*, na segunda-feira, dia 17. O artigo começa com uma frase definitiva: “A retaliação é uma armadilha”. E termina com uma profecia: “Mas a armadilha já foi instalada, e talvez todos nós estamos marchando para ela”. Pelo menos, entre os internautas brasileiros, foi o artigo que mais repercutiu.
- O texto assinado por Dorrit Harazim, divulgado no dia 17, “O estadista do momento”, sobre a atuação do prefeito de Nova York,

Rudolph Giuliani. Ela escreve: “Giuliani se fez visível o tempo todo, onde necessário, e sem demagogia. Concede quatro ou cinco entrevistas coletivas por dia, todas pertinentes, informativas e em locais diversos da tragédia”. Dorrit contrapõe a Giuliani a figura da senadora por Nova York, Hillary Clinton, que “conseguiu desfiar todo um rosário de clichês sobre ‘o caráter indomável do nova-iorquino’, mas não conseguiu aquecer uma única alma.

- A edição especial da revista *Carta Capital* de 19 de setembro, reunindo textos de Noam Chomsky, Norman Solomon, entre outros, sobre as mudanças no mundo.
- A irreverência da capa da *Carta Capital* de 26 de setembro, mesclando traços de George W. Bush e do personagem da revista *Mad*, autoria de Alfred Neumann.



Os “piores” momentos da cobertura

- Vários sites noticiosos tentaram provar que Nostradamus já previra o desastre.
- Vestindo uma bandeira norte-americana, a apresentadora Adriane Galisteu pedindo ao mundo: “Gente, vamos parar com isso!”.
- As “interpretações” de Gerald Thomas publicadas com insistência na *Folha*, sugerindo a volta do Living Theater (dos anos 60) ao cenário político e revelando que todos os dias dava “bom dia ao World Trade Center”.

- A corridinha forçada de Tony Blair descendo a escada de um avião em Bruxelas tentando aparentar juventude e vigor físico.
- O leitor do Macaco Simão que enviou ao colunista a informação de que essa era uma guerra do Afeganistão, Paquistão, Ondeéquestão, etc...
- O *outdoor* da edição de *Veja* do dia 26 de setembro, e o da revista *Época*, uma tentativa inútil de intimidar os terroristas.

PAZ



Nova York, 11 de setembro de 2001

Patrocínio:



Apoio Institucional:

SESC
SAO PAULO

Apoio:



Realização:

revista
IMPRESA
A revista de quem escreve a notícia.
www.revistaimprensa.com.br

Iniciativa: Movimento Mídia da Paz e Instituto Röerich da Paz e Cultura do Brasil.



Prêmio
Mídia
da **PAZ**

AlmapBBDO

